

Prefácio

Paulo Alexandre Pereira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PEREIRA, PA. Prefácio. In: SANDANELLO, FB. *O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu, de Raul Pompeia* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 17-20. ISBN 978-85-7983-672-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

No estudo intitulado *O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu, de Raul Pompeia*, Franco Sandanello propõe uma instigante releitura de um dos textos matriciais do cânone brasileiro do *Bildungsroman*, declinado, em *O Ateneu*, como romance de internato. Partindo da ditologia animalista, consignada no título do ensaio como verdadeiro roteiro hermenêutico, o autor examina, através de uma original e meticulosa perscrutação da letra do romance, a complexa (e, não raras vezes, intrigante) economia relacional ficcionalizada na narrativa de aprendizagem de Raul Pompeia.

Ancorando a sua argumentação na tradição crítica precedente, de que revela exaustivo conhecimento, mas recusando ceder a uma confinante ortodoxia teórica ou à glosa psitacista de um arsenal de argumentos já ensaiado, o autor adentra-se, com impressiva segurança, nos labirínticos atalhos do texto de Pompeia. Consciente de que, no relato autodiegético de Sérgio, ardiloso “narrador-escorpião”, confluem convocação retrospectiva e consciência presentificadora, e de que, no decurso da sua anamnese de dúbia idoneidade, o passado se institui, a um só tempo, como *exemplum* pedagógico e alegoria projetiva, o ensaísta ocupa-se, muito oportunamente, do que nessa contraditória *crônica de saudades* emerge ostensivamente

como dissensão, fratura e indecidibilidade. Recusando o convicito otimismo antropológico do *Bildungsroman* clássico, n' *O Ateneu* torna-se conspícuo um cinismo deceptivo e manipulador que não pode deixar de comprometer o balanço eufórico da *Bildung* do protagonista.

Num primeiro momento de seu livro, o autor mapeia, com paciente diligência, a fortuna crítica de *O Ateneu*, propondo a sua ordenação em torno de três vetores de recepção cronologicamente sequentes. Assim, a uma orientação de acento biografista, que insiste em tornar legível, no depoimento ficcional do protagonista, um exercício autoral de vindita, sucede-se outra de incidência social que reconhece, no internato, um correlativo objetivo, grotesco e miniatural do Brasil imperial que um escritor fervorosamente republicano não podia senão execrar. Sem enjeitar liminarmente o travejamento autobiográfico ou o alcance sociológico da fabulação, uma pluralidade de leituras revisionistas – isto é, reparadoras dos silêncios críticos ou das zonas de sombra perpetuadas pelos *modi legendi* antecedentes – tem permitido, mais recentemente, ponderar mais uma vez as múltiplas dimensões ideológico-processuais do romance, até à data objeto de escassa ou irregular atenção crítica. Se o estudo de Franco Sandanello me parece declaradamente cúmplice desse desiderato retificativo, esquivando-se a subscrever a falácia biografista ou a adjudicar ao romance uma redutora transparência documental, nele se intui uma vontade de ecumenismo teórico que, sem transigir com um *anything goes* metodológico, se revela hermeneuticamente rendoso. Salientando, muito justamente, que “se torna impossível adiar por mais tempo uma análise específica do processo e do funcionamento narrativo d' *O Ateneu*, ao que parece erroneamente relegado ao longo dos anos a uma posição acessória pela crítica”, o ensaísta aliará, ao longo de seu livro, o escrutínio circunstanciado das opções retórico-pragmáticas de Pompeia com a iluminação da sua produtividade ideológica. A gramática ficcional (ou as figuras da narrativa, na acepção genettiana) institui-se, assim, como eficaz dispositivo de agenciamento do sentido da sinuosa *ars memorativa* endossada por Sérgio.

Deste modo, em função deste enfoque de inclinação textualista, o autor interpreta o formato memorialístico do relato, bem como a instanciação autodiegética ou a temporalidade sincrética deste romance “poemático”, como certamente o caracterizou Lêdo Ivo, pendularmente oscilante entre o tempo da experiência e o tempo da escrita. Esse intervalo manifesto entre vida e relato não é, naturalmente, isento de projeções narratológicas e é ele que torna possível a infiltração de uma insidiosa ironia retrospectiva a que, com desencantada desenvoltura, recorre um narrador adulto que se contempla adolescente. Esta dupla disjunção – ontológica e axiológica – da instância narrativa permite-lhe pôr em marcha manobras de mascaramento e dissimulação que concorrem para a essencial ambiguidade do romance, instituindo, em simultâneo, um movimento crítico de autobiossignificação, em função do qual o eu (no passado) se diz já outro (no presente). Na realidade, como muito argutamente lembra o autor, “Quem narra e quem vive, muito embora sejam uma e só pessoa, não compartilham, na narrativa prospectiva, senão do mesmo nome: a sensibilidade e o efeito imediato das experiências aparecem mitigados em prol da interpretação dos mesmos, fornecida de antemão pelo narrador memorialista”.

Num segundo capítulo, problematiza-se o lugar da memória na narrativização do eu, em particular a sua funcionalidade ambivalente na autobiografia ficcional de Pompeia. Distinguindo, na narrativa de memórias, três modalidades – retrospectiva, presentificativa e prospectiva –, o ensaísta argumenta que, no caso d’*O Ateneu*, a opção pelo memorialismo prospectivo permitiu uma redefinição transgressiva de procedimentos diegéticos, bem como a sistemática instabilidade epistemológica do relato. Com efeito, a voz não fidedigna do narrador – tornada manifesta na sua relação interlocutiva com o discurso paterno ou com a doxa metonimicamente figurada no internato, ou ainda na interpelação fática do leitor –, ao tornar ostensivo o seu mundanismo e dissimulação, não deixa dúvidas de que ele “se faz passar por indefeso ou ingênuo apenas para reproduzir no presente da narração algumas das armadilhas em que caíra, e que agora se lhe afiguram como abomináveis”. Explorando a

perplexidade suscitada por essas “aporias da narração”, o ensaio de Franco Sandanello escrutina a engenhosa arquitetura e a complexidade tonal d’*O Ateneu*, sem reduzi-lo nunca a uma ficção ególatra e autocatártica ou acantoná-lo na aridez monológica do romance de tese.

Acercando-se do epílogo do seu relato, remata, em confiança metanarrativa, o narrador-protagonista: “Aqui suspendo a crônica das saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos factos, mas sobretudo – o funeral para sempre das horas”. Talvez este entendimento lucidamente paradoxal do passado como *memória prospectiva* – onde desaguam nostalgia da origem e dilacerante consciência de que o *perpetuum mobile* do mundo nos encaminha irremissivelmente para a morte – explique a assombrosa modernidade (e, *pour cause*, fértil reverberação) do romance de Raul Pompeia. Pela originalidade do esforço compreensivo, pela iluminação sensível e destemida das zonas de penumbra do texto, pelo cativante encantamento pelo texto de Pompeia de que reiteradamente dá testemunho, o ensaio de Franco Sandanello passa a ser um verdadeiro *vade mecum* nessa jornada de assombro.

Paulo Alexandre Pereira

Departamento de Línguas e Culturas
Universidade de Aveiro, Portugal